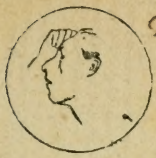
3 1761 07047026 5

LIVRARIA ACADÉMICA
J. Guedes da Silva
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 2 5988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

Ao Eduardo Pimenta,



Meu illustre Confrade
e
querido amigo,

Aff.º
Joaquim Serrano

Direitos reservados

LÍRICAS E SÁTIRAS

DO AUTOR

Serenatas — 1886.
Líricas — 1890.
Mocidade — 1896.

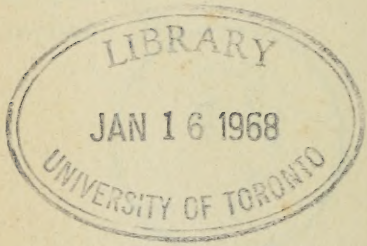
JOÃO SARAIVA

LÍRICAS E SÁTIRAS

(POESIAS ESCOLHIDAS E OUTRAS INÉDITAS)

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

PQ
9261
S28L5



LÍRICAS

SINFONIA

A noite azul protege os idílios... Desperta!
Se ela espalha milhões dos seus astros no ar,
Se o Amor canta na sombra,—é para nós! Álerta,
Minha Musa, acompanha os rouxinois ao luar!...

Num murmúrio celeste o luminoso enxame
Disperso na colmeia etérea da amplidão,
Ha de baixar do Céu, mal essa voz o chame,
E poisar a tremer na tua ebúrnea mão...

E tu verás, sorrindo, imaculada e nua,
Cansados de voar e palpitando ali,
Os anjos do Senhor, sob um clarão da Lua,
Para espalhar, num sopro, os astros sobre ti!

Os rouxinois, guardando o fúlgido tesoiro
Da tua carne branca a scintilar na treva,
Modularão, ao luar, o canto que se eleva
A um branco lirio ideal cheio d'abelhas d'oiro!...

Mas, ao subir no espaço a música macia
Da tua voz, entoando uma canção d'amor,
As aves matinais hão de julgar que é dia...
E cuidarão ouvir cantar a cotovia
Os rouxinois povoando a laranjeira em flôr!...

CARTA

A tua carta bemdita
Veio toda repassada
Duma doçura infinita!

Eu trago a vista cansada
De a relêr de noite e dia...
Que do mais não leio nada!

Mesmo assim desejaria
Ficar cégo de leituras
Tão banhadas de poesia...

Inda que fosse às escuras,
Eu leria os caracteres
De tão lindas Escrituras!

Tapa-me os olhos—se queres!
Adivinho, sendo tuas,
As cartas que tu quiseres...

Por ora só tenho duas...
Mas, como eu lhes quero tanto,
Tu decerto continuas...

E lembrar-me, no entretanto,
Que, se elas fossem maiores,
Era menor o meu pranto!

Escreve! que as minhas dôres
São mais leves, quando leio
As cartas dos meus amores...

Abandona esse receio!
Escondes, cheia de medos,
As tristezas do teu seio!

Segura a pena nos dedos!
E, se eu te confio os meus,
Confia-me os teus segredos...

E, se queres que nem Deus
Os saiba (mas Ele sabe-os...)
Escreve sobre os meus lábios
E com a tinta dos teus!

FLÔR

Teu hálito parece
Um aroma de flôr
Que nunca se colhesse!
A aragem mal lhe toca,
Logo perfuma os ares...
Que rosas singulares,
Essas da tua bôca!

E a tua voz é doce
A ponto de escutá-la
E não saber quem fala:
—Se tu, se alguma flôr
Que tão bonita fosse,
Que Deus lhe desse fala! . . .

A ALGUEM

Bemdita sejas tu, que me fizeste crêr!
A minha flôr da crença eu sentia-a morrer
Dentro do coração, como num vaso ardente...
Tingia-se de negro o sangue do poente
E ia cantar o môcho em vez do rouxinol...
Pois bem! o teu olhar mandou parar o Sol!
E — milagre estupendo! — a tua voz divina,
Que parece de flôr, tão doce e pequenina,
De tal modo a escutou, que, mudando de rumo,
Foi recuando sempre, até ficar a prumo!

Agora a flôr da crença é mais fresca e vermelha;
Beija-a constantemente uma doirada abelha
Lindissima, vibrando as asas febrilmente...
Esse noivado ideal em que a minh'alma crente
É rosa, e o teu amor o arrebatado insecto,
—Ó minha luz do Sol, meu virginal afecto!
Esse noivado santo hade por fim gerar
Um favo eterno—a paz, numa colmeia—o lar!

PINTURA

Tem de celeste o olhar azul; e a côr
Do seu cabelo foi roubada ao milho...
Nelle verteu a essência do tomilho
E o lábio ungiu dum sensual ardor.

O brilho desse olhar é como o brilho
Dum lago ao Sol; e a refulgir d'amor
Mostra ao perdido que sucumbe à Dôr,
Neste deserto, um luminoso trilho.

O aroma fresco do morango exala
A boca rósea, que em delícias fala
Como nenhuma me falou jamais...

E as suas mãos, em belos sonhos, pinto-as
De rosa e neve; e, despertando, sinto-as
Fechar-me os olhos, para sonhar mais...

CREPUSCULAR

Vejo passar, à tarde, se caminho
No monte, erguendo-me aos penhascos duros,
Duas pombas que vão, brancas d'arminho,
Poisar de manso nos trigais maduros...

Ardem restos do dia no poente,
E o sol do estio, ensanguentado, tomba...
Côlho uma flôr silvestre e, docemente,
Eu penso em ti, meu coração de pomba!

E, quando a flôr colocas de mansinho
Das tranças fartas no aloirado abrigo,
As tuas brancas mãos, puras, d'arminho,
Lembram-me as pombas a poisar no trigo!...

FLORES DE INVERNO

Maria, quando fôres
Outra vez à ribeira vêr os gelos,
Não leves tantas flôres
No reluzente nó dos teus cabelos!
Os arbustos olhavam-te pasmados,
Hirtos de dôr!
Tanta flôr tinhas tu, e eles—coitados!
Sem uma flôr!...

Ias passando e ouvi
Como um murmúrio de quem fala a custo:
«Como é pesada aqui,
No inverno, a vida de quem nasce arbusto!
A neve cái e cái a chuva atroz
E o vento lufa!
Vós, sim, sois mais felizes do que nós,
Plantas d'estufa!»

E olha, tinha razão
A voz sumida dos arbustos, filha!
Que sempre um coração
Chora de pena, quando um outro o humilha...
A Alegria tambêm é como as flôres,
Límpida flôr!
E é tão triste, vendo outras ter amores,
Não ter amor!

Como arbustos, no inverno,
Nossas almas, Maria, vejo agora:
Um sol doirado e terno
Alegra a tua, enquanto a minha chora...
Só a neve dos céus, neve inclemente,
Cái sobre mim...
Maria, ah! custa muito realmente
Viver assim!...

TENTAÇÃO

Faze de conta que eu
Venho de muito longe
E tenho um ar de monge
E fixo muito o Céu...

E, abrindo um livro, imenso
Como os que vês no altar,
Fico-me a lêr, suspenso
E extasiado no ar!

Há nesse livro os cantos
Da Timidez, que vão
Como a oração dos Santos,
Subindo na amplidão.

Depois... o canto inflama
O lábio, e já parece
Que o texto é uma chama
Que numa língua cresce,

Bem como no horizonte
A aurora, quando nasce,
Para escaldar-me a fronte
E incendiar-me a face!

É quando na leitura
Vem um Demónio, a rir,
Tentar uma alma pura
Que tenta em vão fugir...

Que luta encarniçada
Se vae travar! E, emfim,
Essa alma já cansada
Vai-lhe dizer que sim,

Quando um Archanjo armado
Desce do ar... Depois,
Ouve-se um grande brado
E o batalhar dos dois!

Nesta passagem louca,
Já tu,—pomba assustada!
Ergues a mão gelada,
Para tapar-me a bôca...

Mas sóbe o Archanjo, então,
Ao Céu, — morto o Desejo —
E ouve-se, após um beijo,
Caír um livro ao chão!

ABSTRACTA

No lago azul, onde outro azul se espêlha,
Bóia uma pétala de flôr vermelha...

(Há nas margens roseiras opulentas
Que se desfolham sôbre as águas, lentas.)

No lago azul, a fôlha vai boiando,
Talvez supondo que inda está cheirando...

E vão com ela, de pupilas quietas,
Dois olhos doces como violetas!

—São os olhos da minha bem amada,
Que estão abertos e não vêem nada!...

CONFESSADA

QUANDO na igreja escura à confissão te ajoelhas,
Sobem-te logo ao rosto umas rosas vermelhas!...
Que mistério sombrio ou vergonhoso crime
Torna mais belo ainda o teu rosto sublime?

Eu conheço, Maria, o teu passado todo...
Nunca pecaste! O Mundo é realmente lôdo,
Mas a ti pôs-te Deus duas asas de neve...
Deve um anjo còrar, por ser mulher? Não deve!..

Se tu, em vez dum padre e duma igreja escura,
Visses o próprio Deus, na luminosa altura,
Cercado d'anjos, tendo o globo aos pés, e então
Lhe fizesses, tremendo, a tua confissão,
Certamente que Deus aos anjos sorriria...

E, se còrasse alguêm, não eras tu, Maria!...
Porque pureza igual à da tua alma, creio
Que nem no Céu... O Mal nunca tocou teu seio.
Fazes inveja a tudo: ao Céu, à Lua, à Flôr!
E has de ficar vermelha aos pés dum confessor?...
Mas confessar o quê?... Uma graça infinita?...
Olha, podes còrar, que ficas mais bonita!

RENÚNCIA

Levei a taça do Prazer, sequioso,
Aos meus lábios febris... E não bebi
Esse veneno impuro e saboroso,
Ó minha pomba, por amor de ti!

Quando nos lábios trémulos senti
O refrigério desse imundo gozo,
Cheio de sêde, por amor de ti,
Quebrei a taça do Prazer ditoso!

É por amor de ti que os olhos choram
E os rouxinois da balsa, que decoram
Cantos que solta a minha eterna mágoa!

Quando soluço a procurar-te a cova,
Os meus olhos sem luz, que a Dôr encova,
É por amor de ti que se enchem d'agua!...

PURA

Atira-me ao pescoço os teus braços de neve!
Sólta ao vento da tarde o teu cabelo... E em breve
Has de ver-me tremer, branco de comoção!
É que eu nunca beijei a tua ebúrnea mão!
É que a bôca vermelha e doce que me fala
Nunca em beijo fechou, quando se fecha e cala!
É que os filtros do amôr giram-me a arder nas veias...
São as garras da Febre a partir as cadeias
Com que o Mundo nos tolhe os ímpetos ardentes...
—Atira-me ao pescoço os teus braços clementes!

Ouve: se a Carne ruge, a Alma em silencio chora.
A candidez do lírio ama o rubor da aurora;
Mas, quando o sol lhe queima as pétalas divinas,
A alma do lírio deixa as fórmas peregrinas
Da flôr... O lírio murcha, o lírio morre em breve.
—Quero-te pura: cruza os teus braços de neve!

NA ALTURA

Meu coração resplandece,
Como se Nossa Senhora
Em suas mãos o tivesse!

Que desgraçado não fôra,
Se o teu olhar o não visse
E o não banhasse de aurora!

Não sei que rara meiguice
O iluminou no meu peito,
Ou que sorriso o bemdisse,

Que ele, a tristezas afeito,
Ele — a fonte da amargura —
Vive agora no meu peito
Como uma estrela na altura!

MELANCÓLICA

Mal tu sabes, Maria, como custa
Vêr a tua alma límpida cercada
Duma tristeza amarga, que me assusta!

Lá da celeste, olímpica morada,
Onde me dizem que a Ventura existe,
Deus nos contempla, minha bem-amada,

Desde o ditoso dia em que surgiste,
Para consolo dos meus tristes dias.
Mas eu não quero que tu vivas triste!

Porque, sofrendo tu, nada alivias...
E sendo alegre a tua vida, então
Hão de alegrar-me as tuas alegrias.

Quando se tolda a cérula amplidão,
A mais verde paisagem nos parece
Triste, tocada por funérea mão!

A flôr mais viva e cálida esmorece...
Vê que seria deste nosso amor,
Se o teu olhar — um céo — escurecesse!
Esmorecia como a pobre flôr!...

O LINDO PALÁCIO

Fui sósinho, perdido em meio do deserto...
Mal podia pensar que vinhas tu já perto,
Trazendo da cisterna a infusa a trasbordar!
Vinhas tu longe ainda e eu ouvia cantar;
Mas o teu canto era tão alto e era tão doce
Que, levantando o olhar, imaginei que fosse
Alguma ave, talvez perdida, demandando
A palmeira natal ao vento bamboleando
As largas folhas como um leque de sultana!...

Vi-te chegar depois, linda Samaritana,
Sorrindo para mim como um perdão suave.
E eu, que supús teu canto o gorgear duma ave,
Levei trémulo à bôca a infusa que trazias
E, depois de beber, como inda me sorrias,
Disse-te: «Sê bemdita! A sêde que apagaste
Era um botão de fogo a estremecer numa haste!
Com tua bilha e teu sorriso, esse botão
Caiu do labio e abriu-se, a rir, no coração!»

Olhaste para mim como quem diz:—«Pois seja»
E a tua bôca, linda e fresca de cereja,
Continuava a sorrir num extase divino...
Larguei o meu bordão de triste peregrino
E pús-me a caminhar amparado ao teu braço...
Uma música alegre enchia todo o espaço!

Súbito, ao longe, viu-se a cúpula doirada
Dum palácio, a subir na tarde esbraseada
Do horizonte... Era ali! E a sombra que descia
Atrás de nós, parece até que nos trazia

Perfumes dos jardins longínquos do Levante...
Fulgia sobre a Terra uma Lua brilhante!
E ao chegarmos ao pé da esplendida cidade
Lêste um dístico: «Sonho!» E eu li: «Felicidade...»

Em letras d'oiro, no palácio que avistamos,
Agora que um e outro, juntos, o habitamos,
Um dístico sòmente esplende ao nosso olhar...
Escrevemo-lo nós e diz só isto: «Lar!»

A FIANDEIRA

Fazes bem mal, fiandeira,
Em fiar de noite e dia
Essa linhagem grosseira!
Mal empregada canseira
Que tem na vida quem fia!...

Eu fui também fiandeiro:
Fiava ternos cuidados
Em vez de linho trigueiro...
Fez-se-me a roca em bocados
E já não sou fiandeiro!

Passava os dias fiando!
E só tristezas e dôres
Ia no fuso enrolando...
Ai, antes no linho brando
Do que fiar em amores!

Chega-se ao cabo do dia
E a roca, por espiar,
Sempre da mesma maneira!
E vem depois a canseira
E acaba a gente a chorar
Sobre a mortalha que fia!...

Mal empregada canseira
Que tem na vida quem fia!...

CONTRASTES

Ha corações felizes
Que rápido se esquecem!
Esses não envelhecem...
São os ingratos — dizes.

Ingratos, não: felizes,
Que sempre reverdecem!...

Ha corações que a amar
Vão como de caminho
Por uma estrada a andar!...
Eu vou devagarinho...

Por isso hei de eu amar
E hei de me vêr sósinho!

Esses bem raro alcançam
O termo da carreira!
Caem por fim na poeira...
Ah, morrem, mas não cansam!

Coitados, não alcançam
A sua companheira!...

Um coração assim
Decerto não conheces...
Põe teu olhar em mim
E dize se o mereces!

E és mais feliz assim . . .
Feliz, porque te esqueces!

Um coração que sente
Tamanho amor não dorme . . .
É um sofrimento enorme
Sofrer constantemente . . .

O teu, bem sei, não sente . . .
O meu então não dorme!

NOCTURNO

Alta noite glacial d'estrelas e luar.
Recolho a casa, absorto... E, quando vou a entrar,
Abeira-se de mim uma scena angustiosa...

Da sombra, que a trapeira esguia e silenciosa
Despenha na calçada e alastra pela rua,
Destaca-se a marchar e vejo agora, à Lua,
Um grupo que me faz parar de comoção:

Duas crianças vem trazendo pela mão
Um pobre cego, lentamente... Ao longe, o frio
Põe tremuras de luz, na vastidão do rio!...

Que triste é ir dormir sem agasalho! E a Fome?...
Como esta ideia atroz me assalta e me consome,
Despejo-lhes nas mãos a minha bolsa, e digo:

«Coitados! é preciso ir procurar abrigo!...»

Beijou a esmola o cego... E, enquanto alegre via
Iluminar-lhe a face um raio de alegria,
Orgulhoso de mim, contente de ter sido
Util e bom, pensava agora, enternecido,
Que num sonho feliz, cheio de bons agoiros,
Vira a Noite a marchar entre dois astros loiros!

A ÁRVORE

Árvore, — amiga constante,
Desde o berço à sepultura!
Bemdita a mão que te plante,
Bemdita a voz que te cante,
Bemdita sejas na altura!

Estende à luz os teus ramos,
Onde a harmonia se gera!
Perfuma o ar que aspiramos...
— Dá-nos flôr na Primavera!

Cobre de verde folhagem
Teus braços, docel sombrio!
Abranda a calma da aragem...
—Dá-nos a sombra no Estio!

Os teus pomos ao Sol córa...
E pensa que ao abandono
Ha muita bôca que implora:
—Dá-me o teu fructo no Outono!

Em vindo a dura inverneira,
Seja o teu gesto mais terno!
Dá-nos calor na lareira...
—Dá-nos a lenha no Inverno!

Bemdita seja a constância
Que ha na tua protecção!
Árvore, — amor e abundância!
—Déste-me o berço na Infância,
Dá-me na Morte o caixão!

A PRIMAVERA

QUANDO ela espalha os seus cabelos d'oiro
Sobre a montanha, os gelos diamantinos
Fundem-se logo em veios cristalinos,
E o Sol resplende, no seu disco loiro!

Sobre os doirados fios dos cabelos
Passa a torrente dos cristais desfeitos;
E ela, espremendo a turgidez dos peitos,
Transforma em rosas o cristal dos gelos...

Do Céu lavado, olímpico e distante,
O disco loiro vae ao azul subindo...
E vê-se ao largo, sobre o mar, surgindo
As andorinhas, numa fita ondeante...

Mas, derretendo os ultimos cristais
Em jorros dagua límpida e sonora,
A Primavera, que palpita e cora,
Torce os cabelos d'oiro nos rosais!...

MANHÃ

O Sol espalha umas arestas quentes
D'oiro de lei; e na floresta verde
Um feixe luminoso, que se perde,
Desperta, acorda os líricos dormentes.

Palpitam asas e tilintam cantos!
Há gargalhadas frescas e indiscretas
Na multidão dos cálidos poetas,
E bicadas depois... Se elles são tantos!...

Na rendilhada púrpura dos céus,
Dado o sinal, a Natureza se ergue
Gentil, madrugadora, religiosa...

O camponês afasta-se do albergue...
Eu termino estes versos, que são teus
E só tu não madrugas,—preguiçosa!

OUTONO

É fim do Outono. A aragem fria
Desfolha as árvores... Parece
Que tudo faz melancolia!
O Sol que as nuvens coloria,
Pálido agora, disparece!

No solo cheio de folhagens
Ouço gemer as folhas mortas...
Sente-se o Inverno nas paisagens.
Outono, deixa estas paragens!
Tristeza, bate às nossas portas!

Os campos calam-se, dormentes.
E já não risca o poente loiro
O vôo das aves inocentes...
E o bosque, ás brisas inclementes,
Tapeta o chão de folhas d'oiro!

E era acolá, passando a ponte,
A descansar do meu caminho,
Que eu me sentava, ao pé da fonte,
Lá onde esvoaçam no horisonte
As velas rôtas d'um moinho!...

Hoje, entristeço. O olhar sombrio
Vae com as nuvens pelos céus...
Se baixo o olhar, que desvario!
O bosque nú treme de frio,
O moinho triste diz-me adeus!...

É noite. Agora o azul cavado
Scintila aos poucos sobre a Terra...
Soluça o bosque desfolhado;
E, além, de rosto ensanguentado
A Lua sae por traz da serra...

Meu Deus! peior que a névoa densa,
Que o vento e a chuva é o abandono!...
Abre-se a porta á noite imensa:
O Inverno chora, o Outono pensa...
Porisso és triste — ó pobre Outono!

SONETO BRANCO

Ao pôr do sol, as pombas virginaes
Erguendo as asas brancas nos eirados
Passam ligeiras nos seus vôos rasgados
A recolher em bandos aos pombaes...

Ondula em torno a sombra dos trigaes...
E alguma pomba que ainda vem dos prados
Procura, triste e a arfar, nos descampados
As companheiras que voaram mais!

Bem como a neve esfarrapada aos ventos
Vão penas brancas flutuando, aos centos,
Que elas deixaram, recortando os ares...

Ondula a seara n'uns murmúrios brandos...
As pombas entram nos pombaes em bandos
E o sol mergulha na amplidão dos mares...

CASTELO D'AGUIAR

DESTACAM-SE no outeiro
As ruinas em montão dum castelo roqueiro.

Quando um frouxo de sol, a morrer no Ocidente,
Doira as cristas da serra e oscula friamente
A sombra negra dessas ruinas desoladas,
Eu relembro o Passado: — os duelos e as caçadas!...

Vejo-os correr ainda — esses nobres avoengos —
Montarias reaes com seus finos podengos,

A galope, galgando sebes e valados,
—O cabelo a açoutar os gôrros emplumados!—
Sobre negros corceis resfolegando pompas,
E irem, chicotes no ar, á vibração das trompas,
Leves no estribo, ao fim dum bosque secular,
Empoeirados na luz do sol crepuscular!...

E oiço ainda, a distância, os confusos ruidos:
O *hallalí!* a resoar no bosque entre latidos!

Hoje reina um silencio enorme nas campinas...
O Sol que vae morrer beija sómente ruinas...
Zumbe através do bosque um enxame d'insectos;
Tremem, na calma do ar, rendas verdes de fetos;
E o fio d'água que murmura entre os choupais
Some-se entre o fraguedo e não scintila mais!...

INVERNO

TARDE de inverno. Em rodilhões sombrios
A névoa envolve os pincaros das serras
E apaga a mancha dos pinhaes esguios . . .
Desde manhã que tem chovido rios
Que vão sumindo-se e alagando as terras . . .

Quadro completo de desolamentos!
As nuvens pardas que galopam no ar
Juntam-se em massa, ao impeto dos ventos,
Como um rebanho de animaes friorentos
Que vem correndo de beber no mar . . .

É noite. Enchendo a escuridão revôlta
O temporal redobra de ameaças . . .
A chuva vae-se na rajada, e vólta
Desesperada, quando o vento a solta,
Para bater-me ás cegas nas vidraças!

Ouço gritar as arvores . . . O vento
Abraça os troncos para os derrubar . . .
Brilha o relâmpago: um clarão sangrento
Desfaz a névoa ao longe, e num momento
Vejo os pinheiros a cambalear! . . .

Deixa-me, Inverno! E tu, minha alegria,
Despede um raio sobre tantas dores!
Que eu num vivo clarão da Fantasia,
Quero tornar a vêr a cotovia,
O céu azul, a luz do sol e as flôres!

ELEGIAS

ONDE?

Tão longe como estás, ó meu Desejo,
Quando a noite gelada se avisinha,
Se tu és Dôr, ao pé de mim te vejo!

Trajas um manto negro de rainha...
E silenciosa como a sombra, choras
Pousando sempre a tua mão na minha!

Vens de tão longe nas caladas horas!
Se tu és Pranto, esse leal amigo,
É nos meus olhos que de noite móras...

Tens neste amargo peito um doce abrigo!
Se estás longe de mim e eu não te alcanço,
Não és Pranto nem Dôr... Mas, se és Descanso,
Onde te ocultas que não dou comtigo?

OUTUBRO

O outono chega. O céu torna-se agora frio.
O Sol não tem calor e o bosque é mais sombrío...
Uma funda tristeza absorve a luz da tarde...
E embora o poente, ao longe, as suas tintas guarde
E no pálido azul se escôem lentamente
Nuvens de fogo e neve e rama d'oiro ardente,
A alma, que vê chegar o Outono, desfalece!...

Crenças, folhas — adeus! já tudo amarelece!...

Partes... Prouvera a Deus que nunca me olvidasses...
Ele que fez de neve e rosa as tuas faces
E pôz no teu olhar o brilho imaculado
Duma estrela tirada ao Céu todo estrelado,
Doando ao teu cabelo uma essência nocturna
De lua a dissolver as sombras duma furna,
Fez do teu peito lácteo um relicário... E, emfim,
Para esse peito — flôr! — deu-me este amor a mim...

As noites outonais têm lânguidos segredos...
Não vás!... A escuridão dos altos arvoredos,
Quando vermelha e grande a Lua se levanta,
Prateia-se, abrigando um rouxinol que canta!
Fica e deixa-me vêr com estes olhos baços
A Lua entre os choupais, e Tu entre os meus braços!...

Depois, quando a Manhã no horisonte nevoento
Com seu manto de rosa a flutuar ao vento
Despontar, apagando as estrelas do Céu,
Tu, despregando o olhar da luz febril do meu,
Purpúrea, soltar-te-ás dos meus braços letais
Como a Lua triunfal da rama dos choupais!...

ÚLTIMO SONO

Morreu. No seu caixão que mais parece um trôno
De rosas e setins — branco ataùde esguio —
Entra, morta, a sorrir nesse país sombrio
Onde nenhuma luz irá quebrar-lhe o sono.

Morta! Ficaste assim num mágico abandono
Quando a geada crésta as florações do Estio...
Como no teu caixão deves tremer de frio,
Tu, que tossias tanto ao declinar do Outono!...

Chóro. Sagro-lhe as mãos num beijo leve, e creio
Que inda o sente... Meu Deus! vae palpitar-lhe o seio,
Abrir os olhos, vêr-se entre as tochas acezas!...

Mas a Morte cerrou-lhe os grandes olhos bem!
E o sorriso d'amor que inda nos labios tem
Quer soltar-se... voar... e sente as asas prezas!

MORS SANCTA

Na humilde cela, onde em perfume casto
O luar esbate, merencóreo e brando,
Vae-lhe fugir o espirito, beijando
A negra cruz do seu rosário gasto.

Como num sonho tumular, nefasto,
Córvos que passam pela noite, em bando,
Trazem-lhe a morte lívida cortando
O fundo azul silencioso e vasto...

Em prata líquida o luar escorre
Pelo fio das trémulas espadas
Que esgrime ao vento o canavial do rio...

E, quando o brilho das estrelas morre,
O monge cérra as pálpebras molhadas,
Levando aos lábios o rosário frio!

ORAÇÃO Á SENHORA DA ESPERANÇA

SENHORA da Esperança, eu te saúdo, ó Doce!
A treva, que crescia ao meu olhar, rasgou-se
E um raio de luar suavissimo a ilumina!...
O mineiro viu luz a entrar na sua mina,
E, em estasi, cahiu de joelhos, balbuciando:
«Bemdita sejas tu, Senhora! Ias tardando...»

Ha muito que no céu da minha curta vida
Espero a tua luz! A última estrela é ida
E o temporal desfaz meu barco sobre as ondas!...
Senhora da Esperança! ó Meiga! não te escondas!
Salva o fragil barquinho e guia-o, Luz do Norte,
Á terra ocidental dos tumulos:—á Morte!

Senhora! A Mocidade á luz do Sol que brilha,
Sulca o profundo mar numa alegre flotilha...
O Prazer vae ao leme, a sorrir e a cantar!
E o céu azul é um pálio aberto sobre o mar!
O mar é calmo, a vela cheia, a quilha foge
E a Mocidade entôa em côro a Canção de Hoje!

Quando declina o Sol nas brumas do ocidente,
O Prazer abandona o leme, tristemente,
E o côro da Alegria extingue-se num ai!
Uma figura negra ergue-se á pôpa, e vae,
Em pé, muda, a guiar o barco silencioso...

Cobre-se o largo céu dum crepe tenebroso...
E, cabeça espectral entre as nuvens espessas,
Vem a Lua branquear as pálidas cabeças!

Senhora da Esperança! O meu barquinho leva
A Saudade a chorar ao leme pela treva...
Guia-me ao porto santo onde fundeia a Vida!
E que a minh'alma possa abrir-se, enternecida,
E ficar-te nas mãos—Senhora da Esperança!—
Como um lirio a sorrir nas mãos duma criança!...

OS PÁSSAROS

Os pássaros da herdade,
Voando ao pé de ti,
Choravam de piedade
    Quando eu parti...

Parece que sabiam
O muito que te amei,
Porque de mófa riam
    Quando eu voltei!

Reune os teus esforços
E manda-lhes dizer
Que chorem de remorsos
    Quando eu morrer!...

OS BARCOS

QUANDO a lancha partiu, vinte remos possantes
Cortaram a água... O Oceano era azulado e chão.
O sol vibrava do alto os seus raios brilhantes;
E eu, na praia deserta, entre as rochas gigantes,
Vi pôr-se a lancha ao largo e içar a vela então!...

Quem me visse de longe, em cima d'essa fraga,
Na praia solitária, ao fulvo sol poente,
Julgaria talvez que alguma enorme vaga,
Que bruscamente salta e a penedía alaga,
Me tivesse roubado a alma de repente,

E eu tinha ali ficado—estátua de granito—
Ouvindo o carrilhão fantastico das águas
Até correr no espaço um lancinante grito
E ela voltar emfim, cansada do Infinito
E ensanguentada, a voar num turbilhão de mágoas!

É que vendo sumir-se os barcos no Oceano
Penso na sorte egual dos meus brilhantes dias...
Buscam no mar do Tempo a praia Desengano,
Içam as velas, vão—seguindo a todo o pano!—
E somem-se no Mar como lanchas sombrias...

E, mergulhando o olhar no horisonte nevoento,
Vejo a Crença d'outrora a errar no mar profundo,
Como um barco perdido, á luz do céu cinzento,
Quando a véla tremula esfarrapada ao vento,
Agitada, febríl, dizendo adeus ao Mundo!

O MAR

Dorme tranquilo o Mar no seu leito profundo!
E no silêncio etéreo e calmo da amplidão,
Como a Noite desprende as asas sobre o Mundo,
Semeia os astros Deus por sua propria mão!

O espirito do Poeta — ave estranha e sombria
Que paira sobre a onda e murmura entre os astros —
Vôa na doce luz das ilusões que cria,
Vendo as sombras na Terra a caminhar de rastros...

Riqueza, Gloria, Amor—fantasiosos sonhos
Que uma ilusão nos leva e outra ilusão nos trás—
Tudo resurge e brilha em castelos risonhos
Na penumbra do céo que a luz do sol desfaz!

E o espirito do Poeta, ao invocar as máguas,
Quer senti-las até, beija-las e esquece-las...
E deixa-se dormir sobre o leito das águas
Porque esse leito azul tem um docél d'estrelas!

*

* *

Quando o sonho termina, entre as névoas do monte,
Desponta o sol e tinge as cumiadas de oiro...
O Mar levanta ao céo a revoltada fronte!
E contra essa trincheira imensa do horizonte
Arremete, a arquejar, furioso como um toiro.

E ai daqueles que vão num miseravel barco,
Para arrancar ao monstro um pedaço de pão!
A riquesa do Mar dá um sustento parco...
Some-se a terra ao longe, o céo curva-se em arco,
E quantas vezes fórma a tampa dum caixão!...

Ai daqueles que vão num desespero infindo
Dar batalha á tormenta e deixam triste o lar!...
Traidora, a Morte pula em torno ao barco, rindo...
Emquanto fica ao longe o pobre lar, pedindo
Por aqueles que vão sobre as águas do Mar!...

*

* *

Á noite, pela praia uma creança chora...
Trás no corpito magro uma camisa em tiras!
Tem nos cabelos o oiro e tem na bôca a aurora...
E aqueles olhos vão, pelo oceano fóra,
Como a luz do luar e o brilho das safiras!

*

—Que dolorido olhar e que tristeza a tua!
Não chores. A Inocencia ignora o que é sofrer!
Andavas ainda agora alegre, pela rua,
E já triste, a chorar, n'uma noite de lua!...
Tu não podes chorar uns olhos de Mulher!

A tua alma infantil nem conhece o que é triste...
Tu choras porque vês os astros a chorar!
Fita-me bem, criança! E dize se já viste,
Á tua frente, a Dôr com uma lança em riste...
Tu não pódes chorar as ausências do Lar!

Tu devias sorrir às ondas de esmeralda...
Tu devias cantar sob a lua marmórea!
É uma divida o pranto—e só a Morte a salda...
Tu não sabes que o pranto é um alívio que escalda,
Tu não pódes chorar os sorrisos da Gloria!

Como a Inocencia é bela e o Oceano profundo!
É um oceano a Vida e tu nem mesmo a sondas...
Ah! coração feliz que não conhece o Mundo!
O teu olhar reluz por esse mar sem fundo,
E o teu olhar, criança, o que busca nas ondas?...

Tu viste certamente uma pérola enorme...
—Uma estrela talvez que risca o azul e cae!—
Como és ambicioso e como o Oceano dorme!...

Mas a criança soluça:—«Eu procuro o meu pae!...»

ÉBRIO

Logo que entrava na taberna, e quando
Lhe punham vinho em frente sobre a mêsa,
O seu olhar de mágua e de incertêsa
Éra no chão que se ia concentrando...

Alguem que um dia o esteve contemplando
Pôde contar à reunião surprêsa
Que ele fitava os olhos de tristêsa
Sobre um retrato de mulher, chorando!

A multidão dos magros bebedôres
Ouvia aquela narração d'amôres
Indiferente e estúpida, sorrindo...

E o desditoso, a um canto, embriagado
Fitava os olhos no retrato amado...
Fitava os olhos e beijava-o, rindo!

D. JOÃO E ELVIRA

ELVIRA

— Olha: escurece a nuvem delicada
Que se desenha alêm!

D. JOÃO

— Bata-lhe o Sol e ficará doirada!
E tu bem sabes, minha dôce amada,
Tu és o Sol tambem!

ELVIRA

— Depois a noite é solitária e fria...
Já na montanha as sombras vem de rastros
Sem que as dissolva o teu luar, Senhor!...
Adeus! eu parto porque morre o dia...

D. JOÃO

— O nosso amôr é como a luz dos astros,
Não morre o dia para o nosso amôr!...
Não tenhas mêdo às sômbras, ao mistério
Que vêm do Céu ás almas virginais...
A Lua fez-se para o cemiterio!
Vendo-te mal é que eu te adoro mais!...
Não tenhas medo ás sombras, e descança
Essa loira cabeça no meu peito...
Não tenhas mêdo, meu amôr... Criança!
As sombras fazem um docél de leito...

ELVIRA

— Não sei quem me tortura e quem me afaga...
A noite! a noite! Eu desfalêço... Adeus...
Beijas-me e mata-me uma angústia vaga!...

D. JOÃO

— Beijas-me e vivo nesses labios teus!

(Cae a noite. Uma voz ao longe canta:)

A VOZ

Era mais alva que o linho
A rosa do meu canteiro!
O Amôr saíu-me ao caminho,
Vestido de jardineiro...
E roubou a côr do linho
Á rosa do meu canteiro!

ELVIRA

— Ouves? Adeus...

D. JOÃO

Surge o luar etéreo...
Adeus!

ELVIRA

— É morta a minha flôr de linho!
A Lua fez-se para o cemiterio...

D. JOÃO

— A Lua fez-se para o meu caminho!...

LEÃO XIII

Leão xiii morreu. Á luz frouxa da tarde
Vagueiam sombras pela camara papal...
E ao trémulo clarão, que nos tocheiros arde,
Alastra-lhe na face um palôr sepulcral.

Todo branco, a sorrir, as magras mãos no peito,
Dir-se-ia que ficou n'um extase a sonhar...
E ténue como um lirio, estendido no leito,
O velhinho parece agora descansar!

Obreiro do Senhor! acabaste os teus dias...
Eis-te liberto, emfim, das fadigas terreaes!
Mas o Mundo soluça as mesmas agonias,
A mesma dôr, o mesmo anceio, os mesmos ais!

Quando repousará a alma da Humanidade
Eternamente em luta, a esperar e a descrêr?...
Ah! como sofre ainda a pobre Cristandade,
Depois que tu, ó Cristo, a deixaste a sofrer!

Debalde invoca Deus a multidão sombria
Dos que torcem as mãos nas angústias da Dôr!
—Miseraveis que vão no declinar do dia
Sem nunca terem visto a face do Senhor!—

Encheste de esplendor o teu longo papado...
Foste obreiro de Deus, mas trabalhaste em vão!
Porque não déste ao mundo, aflito e desgraçado,
Nem mais justiça, nem mais calma, nem mais pão!

DEDICATORIA D'UM LIVRO

Tu, cujo olhar bondoso e claro e penetrante
Tantas vezes senti, dulcissimo luar,
Tu, que vias passar como um navio errante
A minh'alma sem rumo, e nesse mesmo instante
Sobre um amargo oceano a fiseste parar;

Tu, que vinhas de noite em sinal de bonança,
E arrastando na treva um manto cheio d'astros,
Lançar sobre o horizonte o Arco-da-Alliança
E despojar a Dôr da ensanguentada lança
Que me levava adiante a soluçar, de rastros;

Tu que fôste no mar a ancora d'oiro, o braço
Que desarmava a Dôr e me erguia do chão,
Nunca mais! nunca mais me guiarás o passo...
Porque o Arco-da-Aliança extinguiu-se no espaço,
Porque a voz que te chama ecôa agora em vão!

Vou de novo largar o barco fugidio
Sobre este mar de fel, longe dos olhos teus!
Que importa! Não vou só... Navegador sombrio,
Levo a Dôr ao meu lado, á pôpa do navio,
E este livro na mão para dizer-te adeus...

A UMA SUICIDA

Anda o luar mais triste e a escuridão mais fria...
Os astros do Senhor—ó pomba fugidía!—
Ao verem-te passar,
Tremeram de pavor nas regiões serenas!
Mártir! havia sangue a macular-te as penas
Das asas virginais, brancas como o luar!

Os ultimos clarões da lâmpada sagrada,
Quando a vida se torna um pezadêlo horrendo,
São para a nossa dôr a luz da madrugada...
Ai de ti, ai de ti! ó morta desgraçada
Que sofrias na treva e viste o sol, morrendo!

O coração gelou-t'o a ventania agreste!
E, como te fugisse uma esperança vã,
Foi a rosa dormir á sombra do cipreste
E um cirio alumiar a estrela da manhã!...

Ah! quando se nos rouba a ultima esperança
E em gélida agonia o coração nos traz,
A sombra do cipreste aquece-nos, criança!
Ao menos lá na Morte o espirito descansa...

A Morte é uma janela aberta sobre a Paz!

RONDA DE MORTOS

Quando, noite de inverno, na floresta
Ruge a galope um temporal sagrado,
Das trevas surge, de repente, em festa,
Um soberbo palácio iluminado!

A chuva açouta sem piedade os flancos
Da floresta dos cedros rumorosos...
Mas nos vastos salões silenciosos
Baila uma ronda de fantasmas brancos!...

Vejo-os correr, ao longo das vidraças
Do sinistro palacio, á luz de círios...
E são brancas mulheres como lirios
Que óra vejo passar, erguendo taças!

Uiva a treva n'um doido torvelinho
De ramos sob a chuva; e vae passando
Essa ronda de mortos, arrastando
Na dança muda os seus lençóes de linho.

Sois vós aquelas que estreitei ao peito
E me vindes agora visitar
Quando aos soluços trágicos do mar
Me ergo, assustado e pálido, no leito!

Voltae ás vossas campas regeladas
D'onde vos trouxe o temporal furioso!
E deixae-me viver no imenso gôzo
Da adoração d'outras feições amadas!...

Mas tu — unica estrela do meu norte!
Antes que o Tédio venha e me responda,
Tu, que juras ser minha até á Morte
Meu pobre amor, — quando entrarás na ronda?

SÁTIRAS

A PRIMAVERA

(Fantasia Guerreira)

Rompe a manhã d'Abril! Logo de madrugada,
Á bôca do horizonte estoira uma granada
De sangue, d'oiro em pó, d'esmeraldas—de sol!
Subitamente, ouviu-se a voz do rouxinol
Dando o alarme de guerra á passarada toda...

O marechal — um melro — olha assustado em roda,
Salta d'um pulo ardente acima d'um lilaz,
Bate a asa guerreira, e, ferozmente audaz,
Grita que surge alem, nas montanhas visinhas,
O exército inimigo: — onze mil andorinhas!...

Correu por todo o bosque um frémito... No azul,
O exército invasor das bárbaras do sul
Avançava, marcial, em filas negrejantes...
Um chuveiro de luz, de setas e diamantes,
Cáe na folhagem verde, e de repente, do ar!
Debalde o melro invoca o brio militar,
A independência, a glória, o bosque pátrio...—tudo!
O pobre melro aflicto, atordoado, mudo,
Vê debandar no espaço a passarada, a rir!...

Começavam no prado os roseiraes a abrir;
E do horisonte em fogo, o sol, rasgando bréchas,
Despejava no espaço o seu carcaz de flechas
Que atravessando o azul, vibrantes, luminosas,
Cravavam-se a tremer no coração das rosas!...

Quando á batalha humana, escabelada, ardente,
Vem o tambor emfim rufar sinistramente,
Quando a Morte, baixando o braço ameaçador,
Larga a espada e estremece aos rufos do tambor,
E horrorisada então, numa corrida louca,
Vôa ao canhão a pôr-lhe a fria mão na bôca,
Entre os rôlos de fumo e nos espaços torvos
Vê-se pairar, grasnando, a legião dos córvos!...

Quando o sol trespassou as corolas vermelhas,
Viu-se baixar tambem uma legião d'abelhas
Tremeluzindo no ar as asitas doiradas
Para beber o sangue às rosas trespassadas!...

Ora o melro, que foi, todo a piar de medo,
Esconder-se—poltrão! à sombra dum silvedo,
Emquanto o sol feria as rosas virginais,
Viu as abelhas d'oiro e disse:—«Canibais!»
E ao rubro sol: «Tirano! As victimas que fazes,
Rosas, lirios, jasmins, madresilvas, lilazes,
Hão de clamar vingança à cólera de Deus!
Ah! tu serás chamado ao tribunal dos céus!

E quando a treva espessa, imensa, sepulcral,
Te arrebatar—ó sol hediondo!—ao tribunal
Da justiça de Deus, n'um turbilhão furioso
Rolarás, sumir-te-ás no abismo tenebroso,
Porque naquele negro e tragico terror
Ha de erguer-se, a acusar-te, um cadaver de flôr!»

E pôz-se à escuta...
Já num convívio infantil
Os pássaros do bosque, apercebendo Abril,
Vinham saudando no ar as andorinhas... Era
Um tratado de Paz á luz da Primavera!

Uma ordenança voou...—que lépido pardal!
Poisou na sébe, riu e disse: «Marechal!
Rosas, lirios, jasmins, madresilvas, lilazes,
Fazem-lhe troça... Então! Venha fazer as pazes!...
Olhe, são como nós:—que perfeição de cólo!
E o marechal com medo! O marechal... é tolo!

«Ora ainda bem!... Julguei que rebentasse a guerra,
Mas foi melhor assim!... Te-Deum pois!»
E a Terra
Veste um manto de sol e touca-se de flôres...
Vibra no templo azul a hora dos amores
E o sol caminha... A voz da cotovia canta!
Abandonemos a alma á melodia santa
Que vem do campo e faz os corações bondosos...
Abracemos sem medo esses troncos nodosos
Dos cedros, cuja rama as nuvens quasi roçam...
E na gaiata voz desses pardaes, que troçam,
Aprendamos a rir de todos os cobardes!...

Depois, quando soprar a viração das tardes,
Quando o sino tocando ao longe nos chamar
Á encantadora aldeia onde fumega um lar,
Poderemos sentir, n'uma alegria franca,
A face—côr de rosa, e a consciência—branca!

Vae scintilar em breve a abóbada estrelada!
Já nas águas do mar rebenta essa granada

De sangue, d'oiro em pó, d'esmeraldas — de sol!
E na macieira em flôr, a voz do rouxinol
Faz recolher ao bosque a passarada toda...
Dizei adeus ao melro! E, como agora é moda
Ter comendas, e a rosa é uma flôr gentil,
Pendurae na lapela a Comenda d'Abril!

NUPCIAS

O Amor ouvira essa fervente prece
Que tanta vez se modulara anciosa . . .
Eil-a chegada a santa paz ditosa
Que dura pouco e nunca mais se esquece!

Da branda lamparina à luz receiosa,
No velador de mármore parece
Que a flôr da laranjeira desfalece
E que se tinge d'uma côr de rosa . . .

E o venturoso, estremecido noivo
Pensa beijar um desfolhado goivo
Que amara outróra dum amor sagrado!

Ela sucumbe ao delirado esposo,
E trémula d'amor, ébria de gôzo,
Lembra tambem o seu primeiro amado!

COLAR DE PÉROLAS

Esse colar de pérolas sem par
Que te rodeia o colo assetinado,
Parece que rolou, brando e magoado,
Dos teus formosos olhos, ao chorar . . .

Foram rolando as lagrimas . . . E acharam
O teu seio tão pálido e tão frio
Que, apenas a mais limpida caiu,
As pobresitas, trémulas, gelaram!

POMBAS

Pomba que foge da prisão sombria,
Batendo as asas, soberana e leve,
Partiu minh'alma solitaria, um dia,
E foi poisar nas tuas mãos de neve.

Volta ao pombal escuro do meu peito
Toda rasgada, sem calor nem penas . . .
Mas como eu vejo, altivo e satisfeito,
Tintas de sangue as tuas mãos pequenas! . . .

NATAL

Pobre menino Jesus!
Homens e bois te adoraram
E mais tarde, n'uma cruz,
Homens te martirisaram!

Vinte seculos depois,
Os homens não melhoraram
E inda são mansos os bois!

GUIA DE MARCHA

Na estrada luminosa
Que vae da Consciencia para o Bem,
Segue a tua jornada silenciosa
Sem mesmo ver se te acompanha alguem!

Mas que tristeza é caminhar na estrada
Que a gente sabe que vae dar ao Nada!

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Abre-se a Igreja aos fieis... O som dos guisos morre...
Tem a palavra o sino e vae falar da torre!
Bronze soturno, dobra! O Carnaval morreu;
Á máscara sucede outra máscara: — o véu;
Á bisnaga, a água benta; a cinza aos pós de goma...
Veneza emudeceu — quem fala agora é Roma!

Homens! o vosso pranto é como o vosso riso:
Faz-vos chorar um sino e faz-vos rir um guiso!
Hontem — folia, baile; hoje — orações, igreja!
Divertis-vos, rezaes... Mas como quer que seja,
Quer vos encontre rindo ou pondo ao alto as mãos,
Extranho — francamente! — esses modos cristãos
De despachar, á luz do sol ou do sacrário,
Hontem, tremoços; hoje, as contas do rosário!...

Divertis-vos, viveis n'um Carnaval constante..,
Caminhaes a cantar no séquito brilhante
Desse loiro Prazer, com asas, celestial,
Que num carro de fogo e rodas de cristal,
Esfólha á luz do sol, sobre a côrte luzida,
Febríl, a plenas mãos, um ramo doce: — a Vida!

Homens, cantae, folgae!... Silencio! O sino dobra...
Abre-se a Igreja... Entrae de rastos, como a cobra...

Ardem lumes no altar! E á luz das tochas, pálida
A imagem de Jesus, magra, sombria, esquálida
Escorre em sangue...
E olhaes, hipócritas, ao Céu
Porque a escorrer em lama o Carnaval morreu!

UM GRANDE HOMEM

Esse homem — bem sabeis! — é tolo... Todavia
Um amigo, que é dele e meu, disse-me um dia:
«Tenho-o visto sentado á banca do trabalho!
Com a fronte em suor, num cruciante orvalho,
Curvado sobre a mesa o desgraçado anceia!
É o galgo Talento atrás da lebre Ideia!
Exanime afinal de esforços impotentes,
Vai cair no torpôr imbecíl dos dementes,
Esfalfado a arquejar numa postura mésta
Quando duma palmada estrídula na testa
Espirra uma centelha!...»
E eu disse-lhe: — Acredito,
Porque a palma é de ferro e a testa de granito!

O PASSARINHO E O BURRO

Um garoto mostrava um rouxinol cativo...
Um pobre rouxinol, mais morto do que vivo,
A arquejar-lhe nas mãos, preso por um cordel!

Vendo o garoto a rir, porque a Infancia é cruel
Para as aves do céu, um filósofo austero
Mas bondoso, exclamou: «Criança, és como Nero!

A Tirania beija a bôca da Inocencia
E faz dela a Maldade, a Fúria — a Inconsciência!
Essa ave que prendeste, era a imagem alada
Da Liberdade a voar na abóbada azulada!
Era livre e cantava... O peito que respira
Livremente, criança, é um peito e um lira!

Vejo um cordel infame e uma mão criminosa...
Essa ave que nasceu para cantar, gloriosa,
Nos álamos, à tarde, à beira dos riachos,
Quando o poente extingue os seus rubros fogachos,
Coitada! — vae morrer às mãos d'um assassino...
Nero era assim, tal como tu, em pequenino!

Deixa voar essa ave ao seu destino! Vês
Aquela árvore ao longe? É para ali talvez,
Que ela — livre afinal! — ha-de voar, cantando...»

E o filósofo viu o pequeno chorando!

De repente, soltando o cordel que o prendia,
O rapazito mais alegre do que o dia
Soltou no espaço livre o rouxinol...

No emtanto,
Tinha-se feito, em volta, um grande grupo... E ao espanto
Sucedeu-se depois um tocante sussurro...

Ora estavam no grupo um saloio e um burro.
Tinha ouvido o saloio o discurso eloquente
Do sábio, e comovido, exclamou: «Francamente!
A Tirania é um crime... Este homem tem razão!
Este burro, que é meu, acaso é livre? Não!
O seu destino qual será? Misterio immenso,
Insondavel Misterio em que nem mesmo penso!
Ser escravo—jámais! Este albardão que o oprime,
Da parte dele é oprobio? E' pois da minha, um crime!
Liberta-lo, é dever... Filósofo divino!
O dever é soltar o burro ao seu destino...»

E, tirando o albardão ao pobre do jumento,
Disse-lhe: «—És livre. Vae!—és livre como o vento!...»

O burro, ao vêr-se livre, ergueu logo a cabeça...
—«Ao meu destino—sim!...»

Depois, trotando á pressa,
Com pasmo do saloio e aos coices de alegria:
—«O meu destino é este...» E entrou na Academia!

A ESTÁTUA E O SINO

Uma estátua de Herói ergue-se alêm na praça...
Contempla-a, envaidecida, a multidão que passa!
Mas a estátua do Herói, num pedestal de glória,
Fixa no vácuo azul a pupila ilusória
E afronta a multidão no seu gesto imortal!

— Bronze, que dizes tu?

Firme no pedestal,
Solemne, a estátua diz:—Amei a Liberdade...
O Homem só é Deus... Ergue-te, Humanidade!

Dobra um sino na Torre... A Egreja comemora
Um Santo que viveu numa perpétua aurora!
—Bronze, que dizes tu?

«—Ajoelha, homem que passa!
Um homem como tu foi santo...»

E, então, na praça
Dessa estátua sublime a ilusória pupila
Parece que, fitando o sino, inda fuzila!

Homem! que dizes tu? Vaidades loucas só!
A estátua é bronze, o sino é bronze... E tu és pó!

LICEO FEMININO

Como o Progresso adquire uma força titânica
Entendeis que uma flôr deve saber botânica;
Astronomia, a estrela; e o candido jasmim,
Noções de grego e ter aromas de latim!
Ilustrae! Ilustrae, porque a ignorancia é um crime
E a ilustração da flôr uma coisa sublime!...
Uma rosa inocente e ignorante — que horror!
É preciso educa-la e ensina-la a ser flor...

Leia Linneo! A estrela, inda peior... Que leia
Flammarion... Depois, póde brilhar!

A ideia

É genial — aprovo! E metam no Liceo
As rosas dos jardins e as estrelas do Céu!...

Mulher — esposa, mãe, mulher amada, irmã —
É sempre a claridade ingênua da manhã!
Onde quer que ela vá, deixa um aroma e um rastro...
Perfuma a vida, — é flôr; enche-a de luz, é um astro

Pois desta flôr ingênua e deste astro divino
Que a nossa dôr encontra através do Destino,
Desta branca visão de Sonho, que nos leva
Numa barca de luz sulcando um mar de treva,
Onde os Odios, a Inveja, a Colera brutal,
Toda a verde legião torsionada do Mal
Surge das ondas, ruindo em turbilhões de sombra
A espumar, a latir contra essa luz que assombra;

Dessa piedosa e doce e clemente visão
Que nos ama e nos guia e só nos larga a mão
Quando a noss'alma vôa ás luminosas praias,

Vem o Progresso e faz um bacharel de saias!

O LOBO HUMANO

A cada instante aos meus ouvidos
Chega um lamento, um grito, um ai!
Côro dantesco de gemidos,
Detonações, brados perdidos
E o baque surdo de quem cae...

Soluços, bôcas às dentadas
N'uma feroz agitação...
Blasfêmias, uivos, gargalhadas,
Imprecações e derrocadas
No ronco tôrvo dum tufão!

É o velho mundo a desfazer-se
E a raça humana que o desfaz!
O Egoismo em furia a contorcer-se,
Todo a espumar e a remorder-se,
Guinando aos pulos para traz!

Trava-se a luta, braço a braço,
E não ha trégoa nem perdão!
O sangue espirra a cada passo,
Os córvos cruzam todo o espaço
E o fogo lambe a escuridão...

N'uma alcateia, foragidos
Os lobos olham com pavôr:
—É o Lobo humano!... —E, comovidos,
Vão para as furnas escondidos
Lamber os filhos com amôr...

ÍNDICE

LÍRICAS:

	Pag.		Pag.
Sinfonia	9	Melancólica	41
Carta	11	O lindo palácio	43
Flôr	15	A fiandeira	47
A alguem	17	Contrastes	49
Pintura	19	Nocturno	53
Crepuscular	21	A Árvore	55
Flôres de Inverno	23	A Primavera	57
Tentação	27	Manhã	59
Abstracta	31	Outono	61
Confessada	33	Soneto branco	65
Renúncia	35	Castelo d'Agular	67
Pura	37	Inverno	69
Na altura	39		

ELEGIAS:

	Pag.		Pag.
Onde?	75	O Mar	95
Outubro.	77	Ébrio.	103
Último sono	81	D. João e Elvira . . .	105
Mors Sancta	83	Leão XIII	109
Oração à Senhora da Esperança	85	Dedicatoria dum livro .	111
Os pássaros	89	A uma suicida. . . .	113
Os barcos	91	Ronda de mortos. . .	115

SÁTIRAS:

A primavera	121	Quarta-feira de Cinzas.	137
Nupcias.	127	Um grande homem . .	141
Colar de pérolas . . .	129	O passarinho e o burro	143
Pombas	131	A estátua e o sino . .	147
Natal.	133	Liceo femenino . . .	149
Guia de marcha . . .	135	O lobo humano . . .	153

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 30 DE MARÇO DE 1916.

PQ
9261
S28L5

Saraiva, Joao Baptista Pinto
Liricas e Satiras

CARD CKET
UN ARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 08 06 006 2